

## O renascimento da historiografia indo-portuguesa. Evocando o historiador John Correia-Afonso S.J. [15 Julho, 1924 - 7 Novembro 2005]

Teotónio R. de Souza \*

Na introdução autobiográfica ao meu livro *Goa to me* (New Delhi: Concept Publ. 1994), publicado aquando da minha saída de Goa para fixar minha residência em Portugal, deixei um registo de três pessoas que marcaram profundamente a minha formação. Uma delas foi o historiador Jesuíta John Correia-Afonso. Quando se realizou em 27 de Fevereiro de 2008 uma jornada sobre “Os Jesuítas na Academia Portuguesa da História” para comemorar o 1º centenário do nascimento do jesuíta português Pe. Mário Martins, S.J., fiz uma evocação do Jesuíta goês John Correia-Afonso que foi sócio da Academia Portuguesa da História desde 1983, na mesma altura em que entrei também como sócio na Academia.

No âmbito da linha de investigação dedicada ao papel e à dinâmica da Memória na História, apresento aqui uma nova versão dessa evocação neste primeiro número da Revista *Fluxos & Riscos*, com o intuito de guardar na memória e não deixar cair em esquecimento uma personalidade que dinamizou a historiografia indo-portuguesa no contexto pós-colonial e pós-25 de Abril. Considero este testemunho duplamente relevante na altura em que se acabou de comemorar o quinto centenário da conquista de Goa pelos portugueses, e em Goa está-se a preparar para comemorar 50 anos do fim do colonialismo e a integração na União Indiana.

João Manuel (John) Correia-Afonso nasceu em Goa, na aldeia de Benaulim, em 15 de Julho de 1924. Após estudos primários na escola da aldeia, fez os estudos secundários em inglês no colégio jesuíta S. Francisco Xavier, em Bombaim. Estudou para bacharelato e licenciatura em História e Economia no colégio universitário S. Francisco Xavier, também dos Jesuítas em Bombaim, com distinção. Ingressou na Companhia de Jesus em 14 de Agosto de 1946, com 22 anos de idade. Coursou Filosofia no Seminário Papal em Cândia (Ceilão) e Teologia em San Cugat (Barcelona, Espanha), tendo sido ordenado sacerdote em 25 de Julho de 1957. Já antes disso, em 1954 completou o doutoramento em História com uma tese sobre “A correspondência dos jesuítas e a História da Índia”, que publicou em 1955 com um Prefácio do historiador jesuíta Georg Schurhammer.

Em 1960 foi nomeado Vice-diretor do St. Xavier’s College, onde leccionou no curso de História. Tomou conta também do Instituto Heras, que ficara sem liderança após

---

\* Professor Catedrático da Universidade Lusófona, Sócio da Academia Portuguesa da História  
CV e Bibliografia atualizados: <http://bit.ly/aBMS9z> ; <http://bit.ly/hiBEwp>

a morte do seu fundador, Pe. Enrique Heras, em 1955. Foi promovido para Diretor do Colégio em 1963 e para Reitor no ano seguinte. Foi eleito Superior Provincial dos Jesuítas de Mumbai em 1965. Desde 1967 até 1975 passou a desempenhar funções na Cúria dos Jesuítas em Roma, nos primeiros três anos como Secretário-Geral da Companhia durante o governo do Pe. Pedro Arrupe, e mais tarde como Assistente Regional da Índia.

Desde o regresso à Índia em 1975 até poucos anos antes da sua morte dirigiu o Instituto Heras de História e Cultura Indianas, em Mumbai. Para além de ser sócio da Academia Portuguesa de História desde 1983, pertencia a várias outras academias e associações nacionais e internacionais, tais como Royal Asiatic Society, Indian Historical Records Commission, Maritime History Society of India, Indian History Congress, Association for Asian Studies, e International Congress of Orientalists.

Em 1978 encetou negociações com a Fundação Calouste Gulbenkian e instituições portuguesas, incluindo a Academia Portuguesa de História, para procurar apoios para iniciar os seminários de história indo-portuguesa. Após 25 de Abril e restabelecimento de relações com a Índia, achou que não se podia esperar até que os governos investissem em algum projeto relevante no campo de investigação em história. Sentiu a necessidade de juntar os historiadores dos dois países para rever e atualizar a historiografia da expansão portuguesa com um novo espírito de abertura pós-colonial. Este projeto tornou-se um viveiro de nova geração de historiadores da expansão portuguesa e mantém-se ativo em Portugal através do CHAM (Centro de História Além-Mar) da Universidade Nova de Lisboa. A nova orientação deixa para trás os cânones de historiografia nacionalista do Estado Novo, e procura integrar as perspetivas e fontes não-portuguesas.

John Correia-Afonso organizou o 1º seminário de história indo-portuguesa na capital de Goa em 1978. Participaram 20 historiadores de vários países, e foram publicadas as Actas intituladas *Indo-Portuguese History: Sources & Problems* (Bombay: Oxford, 1981) Colaborei ativamente na organização deste primeiro Seminário, e foi na presença dos participantes internacionais que se lançou a pedra de alicerce do Centro Xavier de Investigações Históricas (XCHR), cuja direção ficou a meu cargo durante 16 anos, até à minha vinda para Portugal. Foi neste primeiro seminário que defini o plano de investigação para a nova instituição sob a minha direção. Era uma resposta à necessidade de incluir os subalternos, os sem-voz na historiografia pós-colonial de Goa. O texto pode ser lido nas Actas publicadas sob a epígrafe “Voiceless in Goan Historiography” (pp. 114-131) e disponível em formato digital no repositório científico da Universidade Lusófona. Cf. <http://hdl.handle.net/10437/584>

O XCHR (Xavier Centre of Historical Research) foi reconhecido pela Universidade de Goa em 1986 como seu centro de investigação para doutoramento em História. O centro deu continuidade aos seminários de história indo-portuguesa na Índia, organizando a 3ª e a 7ª edição destes seminários em Goa, em 1983 e 1994 respectivamente. Realizaram-se estes seminários com uma periodicidade de 2-3 anos em Lisboa,

Goa, Macau, Angra e Baía. Realizou-se o último na Universidade de Aix-la-Provence (Marselha) em 2009, e está calendarizado o próximo para se realizar na Universidade Jawaharlal Nehru, em Nova Delhi (Índia) em 2012.

O último seminário em que o Pe. Correia-Afonso participou ativamente foi o da Angra do Heroísmo, em 1996. A partir de então foi afetado pela doença de Parkinson e por problemas cardíacos. Foi homenageado pelo Presidente Mário Soares com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, durante a sua visita oficial à Índia em 1992. O grupo dos historiadores indo-portugueses também homenagearam John Correia-Afonso *in absentia* na ocasião do XI Seminário em Goa em 2003, quando se comemoravam 25 anos do projeto que iniciou e sustentou com muito entusiasmo enquanto pôde.

Visitou Portugal pela última vez em 1995. Chegou a celebrar os seus 50 anos na Companhia de Jesus e publicou *The Jesuits in India*, uma obra de síntese e com objetivos mais pastorais do que académicos. Rematava assim com coerência a sua longa carreira de historiador da Companhia de Jesus na Índia. Integrou todas as componentes históricas com igual interesse: a indiana, a portuguesa e a inglesa. Merecem leitura atenta as suas obras mais importantes: *Jesuit Letters and Indian History* (1955), (2nd ed., 1969), *The Soul of Modern India* (1960) (trad. em francês, italiano, malaialam), *Letters from the Mughal Court* (ed.) (1980), *Indo-Portuguese History: Sources and Problems* (ed.) (1981), *Intrepid Itinerant* (ed.) (1990), *Jesuits in India, 1542-1773* (1997).

Decidiu dizer adeus à sua rotina de trabalho e retirar-se para uma casa da Companhia onde podia ter cuidados pessoais, e aí passou os últimos três anos da sua vida. Visitei-o duas vezes durante as minhas visitas à Índia. A última vez foi 3 meses antes da sua morte. Já sofria de Alzheimer, mas conseguiu ainda reconhecer-me e a minha esposa. Não posso deixar de registar que acompanhava melhor a conversa em português do que em inglês! Provavelmente a língua da sua infância em casa se fixou melhor na memória. Morreu em 7 de Novembro de 2005, às 6.30 da tarde, com 81 anos de idade.

Apesar da sua mentalidade burocrática, fruto de várias funções administrativas que desempenhou, conheci o lado afável do Pe. John. Lembro-me de duas situações: Quando fui operado para coração em 1982 e tive que visitar Pe. John em Bombaim para preparar o 3º seminário de história indo-portuguesa em Goa (1983), fui apanhado por uma greve geral de transportes em Bombaim. Pe. John andou comigo desde o colégio até ao término dos comboios, uma distância de 10 minutos, e não me deixou carregar o meu saco. Mais tarde, quando eu já estava a residir em Portugal, o Pe. John ofereceu-se para intervir nos serviços secretariais do Vaticano que ele conhecia bem para apressarem o meu processo de dispensa eclesiástica. Ao contrário das demoras usuais nestes casos, ficou tudo tratado em um mês. A minha saída da Companhia em nada beliscou a nossa amizade. Guardo algumas dezenas de cartas que trocamos desde 1972. Dizia ele na sua dedicatória da primeira edição da sua obra *Jesuit Letters and Indian History*: “To my mother, an assiduous reader of Jesuit letters of no historical value”! [=Para a minha mãe, leitora assídua das cartas dos jesuítas (referia-se

a si e seu irmão mais velho, também jesuíta) sem qualquer importância histórica”]. Continuarei a ler as cartas do Pe. John com interesse histórico e não só!

O seu caráter podia ser descrito como afável, mas a sua preocupação pela organização e eficiência podia deixar mesmo os amigos com a impressão de que estava mais interessado em cumprir horário e ver o relógio do que na pessoa com quem falava. Compensava com a sua grande capacidade de lembrar nomes e outros pormenores pessoais. Sempre aconselhava que devemos cultivar amizades e ajudar pessoas para podermos ganhar a sua boa vontade de retorno. De resto, era conservador, e confiava pouco em ideias não testadas. Preferia estudar bem e experimentar com muito cuidado antes de se lançar em qualquer projeto.

Foi um membro muito dedicado da Igreja e da Companhia de Jesus. Custava-lhe aceitar crítica destas instituições. Lembro-me de um colóquio em Chennai, no Sul da Índia, sobre a presença dos jesuítas na história da Índia (*Jesuit Presence in Indian History*, ed. Anand Amaladass, Anand, 1988) em que Pe. John Correia-Afonso apresentou uma comunicação sobre “Re-escrever a história da Companhia de Jesus na Índia: Questões de factos e de relevância”. Teci algumas críticas que ele não gostou, mas notei que levou-as todas muito a sério na produção daquela que seria a sua última obra *The Jesuits in India, 1542-1773* (Anand, Sahitya Prakash, 1997), publicada três anos após a minha saída da Companhia de Jesus.

Cita várias obras minhas cotando-as de contributo valioso para a história dos Jesuítas na Índia, e lê-se no Epílogo, na penúltima página do seu último livro *The Jesuits in India*: “Teotónio de Souza comenta que quaisquer que tenham sido as condicionantes da história, a Companhia de Jesus teve um papel importante na ajuda que se prestou a muitos na Índia, e noutros países, equipando-os para enfrentarem eficazmente as opressões e os desafios da vida, através das suas actividades pastorais e educativas”.

A abertura mental do Pe. John Correia-Afonso é manifesta na sua franca admissão da incapacidade dos Jesuítas em criar um igreja *da Índia*, limitando-se a criar uma igreja *na Índia*. Não souberam pôr fim ao sistema das castas. Não conseguiram reconciliar-se com os Cristãos de S. Tomé. Atribue esses insucessos ao eurocentrismo e ao espírito tridentino da época, bem como à inevitável mistura de política e religião no contexto do Padroado português. Em contraponto, refere à acção social que a Companhia exerceu entre as populações carenciadas e entre as castas baixas como as dos Parávas e Maravás no Sul da Índia. Remata com o seguinte balanço: Os jesuítas como pioneiros que eram, abriram novos caminhos com muito sucesso mas também com alguns trágicos insucessos. Acreditava que os pioneiros não podem dar-se ao luxo dos planeadores.

Na sua última conferência pública por ocasião da I Convenção Internacional dos Goeses, na Universidade de Toronto, em 1991, falou sobre a identidade goesa: “To Cherish and to Share: The Goan Christian heritage” (“Para acarinhar e para partilhar: O património cristão goês”). Traçou a história de Goa, e as influências que moldaram a

identidade cultural da sociedade goesa. Não ignora as raízes pré-portuguesas de Goa, incluindo as raízes da sociedade cristã, que identifica como indo-portuguesa, mas também aponta para o elemento fundamental do património hindu, nomeadamente a língua Konkani, a língua mãe que une a inteira sociedade goesa, cristã e hindu.

Num artigo de divulgação que se pode ler em linha ‘Christians and spices’: the Portuguese in India - 15th and 16th centuries [UNESCO Courier, April, 1989 ] [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m1310/is\\_1989\\_April/ai\\_7655991](http://findarticles.com/p/articles/mi_m1310/is_1989_April/ai_7655991) podemos encontrar um resumo da perspectiva do Pe. John Correia-Afonso acerca do impacto dos Portugueses na Índia e no mundo:

“Levaram um catolicismo bastante autocrático, e o facto de nos territórios sob a jurisdição portuguesa não ter havido qualquer empenho para adaptar o Cristianismo ocidental à cultura e visão dos povos da Índia, tem induzido muitos historiadores a considerar o evangelismo português como uma arma da expansão europeia. Há porém outros que defendem que os missionários procuraram distanciar-se das ambições políticas e económicas dos seus países.”

“Há muitos que defendem que não houve discriminação racial ou de cor nas colónias portuguesas. É um exagero. Mas na verdade os portugueses eram geralmente mais liberais nesse aspecto em comparação com os holandeses, ingleses ou franceses. Deram mais importância à religião do que à cor na questão de direitos de cidadania. Houve preocupação em tratar os naturais convertidos da Ásia como iguais em relação aos portugueses. Todavia, durante muito tempo as ordens religiosas nos territórios portugueses não admitiram candidatos não-brancos. Mas na Índia houve discriminação entre os próprios portugueses brancos, entre os Reinóis (nascidos em Portugal) e os Indiáticos (nascidos na Ásia de pais portugueses)”.